

SOROR DOLORES.

Trifles, light as air.
Shakspeare.



PORTO — 1850.

~~8/2~~
~~4~~
~~40~~

1290

1276

SOROR DOLORES.



Trifles, light as air.
Shakspeare.



PORTO — 1849.

EDIT. — GANDRA & FILIOS.

SOROR DOLORES.

A SENSITIVA.

DA mimosa sensitiva
Quiz o mysterio sondar ;
Porque tremendo s'esquiva
À mão que a chega a tocar.

Em dia que o sol ardente
A natureza abrazava ,
E que ressequida terra
As plantas succos negava ;

Que os homens lassos jaziam ;
Que os passarinhos choravam ;
Que as folhinhas não buliam ;
Que as fontes não murmuravam ;

Vejo a triste sensitiva
Com sêde a desfallecer . . .
As recortadas folhinhas
Já para a terra a pender !

Chego a ella , e compassiva
Agua fresca lhe lancei ;
E d'um myrto os densos ramos
Para assombrá-la verguei.

Talvez conhecesse em mim
Um coração magoado ,
Por se abrir tão facilmente
Às penas d'um desgraçado.

Então grata ao meu cuidado
As folhas espanejou ,
E como sopro das auras
Estes sons no ar vibrou :

« Eu já fui da tua especie ,
« E tive o teu coração ,
« Encontrando só na vida
« Egoismo , ingratição .

« Transformada em vegetal ,
« Tremo d'humano contacto ;
« Tremo , sim , qu'inda me toque
« Impura mão d'um ingrato . »



A VIOLETA.

GÓSTO muito da violeta ;
Gósto muito d'esta flôr ;
Gósto sim , que o *Trovador*
Sobre todas prefere esta ,
Por singela e por modesta ,
Pelo seu aroma e côr.

Cantou de mago jardim
A maior parte das flores ;
Nossos perfeitos amores ,
Do norte o verde alecrim ,
Da Italia o alvo jasmim ,
Turcas rozas de mil côres.

Tambem cantou a saudade,
Saudade que não levou,
E que triste me deixou
Cultivar em soledade;
Mas esmêro, e suavidade
Só á violeta sagrou.

Ah! como és bella, florinha!
Quero-te tambem amar!
Ternos cuidados te dar!
Viver contigo sózinha!...
Tua sorte, igual á minha,
É do vulgo nos calçar!...

Mas se eu te cultivar,
Pura florinha, innocente,
Crio um espinho pungente
Para o seio me rasgar!...
Nada... não te quero amar...
Seja-me tudo indifferente!...

Setembro 1847.



A ROSA.

PRODUZIU a natureza
Candida a rosa, sem côr;
Pura como a virgem bella,
Excedendo a toda a flôr.

Mas neste mundo inconstante
Anda ao bem o mal adherente:
Tem Amor cruel ciume,
A rosa espinho pungente.

Ao colher botão viçoso,
Venus um dedo feriu:
O sangue que derramára
A branca rosa tingiu.

Desde então a rubra especie
Começou a propagar :
Mais brilhante , e mais vistosa
Pôde os góstos partilhar.

Mas a branca . . . a rosa branea
É de Flora a perfeição . . .
Não deslumbra tanto os olhos ,
Falla mais ao coração.



O JASMIM.

Eu amei do jasmim a candura,
Por não ter o vermelho da rosa;
Carinhoso se abraça no tronco,
Sem ferir como a silva espinhosa!

Eu amei o jasmim, porque exhala
De seu cáliz suave fragrancia,
Ondulando na haste flexível
Suas fórmulas de pura elegancia.

Eu amei o jasmim que parece
Alva estrella n'um ceo de verdores;
Preferi-o aos cravos, aos lírios,
Preferi-o até aos amores!

Mas a abelha mofina voando
Foi libar em meu bello jasmim
Sua essencia de extrema doçura,
E o amargo deixou para mim !

Desde então, qual a flôr d'artificio,
Toda a graça, e belleza perdeu . . .
Já não sei se vegeta, se é murcho;
Para mim n'esse dia morreu !



A JARRA DE FLORES.

QUE triste fim, bellas flôres,
Nesse vaso vos espera?
Embora d'ouro cercadas;
Aqui não é vossa esfera!

Que dura mão, tão perfeitas
Vos foi no jardim cortar,
E vossa curta existencia
Inda mais accelerar?

Não tendes da terra succos
Para vossa nutrição;
Nem da manhã o orvalho,
Nem da tarde a viração.

As luzes que vos rodeam
Não tem do sol o calor;
Nem a agua em que pousais
Entretem vosso verdor.

No seio de rubra rosa,
Já froixo, já desbotado
Vejo pallido jasmim
Languidamente incliuado!

Murchas as folhas, o cravo
Sobre o seu pé agoniza;
Na côr o lirio parece,
Que o ser tambem finaliza!

No grande mundo a innocencia
Acaba como acabais!
Nelle só flôres d'artificio
São felizes... duram mais!



O JARDIM DE S. LAZARO.

ALGEMADA natureza!

Mudo jardim, sem memória!

Não se colhe em ti saudade

D'amor, liberdade, ou glória.

Não tens vista, não alcanças

Nem ao campo, nem ao mar,

Nem a horisonte onde vamos

As idéas espraiares!

Encerrado entre murállhas,

Em que a desgraça gemeu,

Jámais idéa risõha;

À tua sombra nasceu.

Auras suaves não cruzam
Teu recinto docemente,
Nem vem sacudir das flôres
Mago aroma, recendente.

Se em noites de primavera,
Em horas de soledade,
O rouxinol se ouve aqui,
Não canta com liberdade.

Nem em ti é dado á agua
O livremente correr;
É qual, na quadra da vida,
O que no mundo é o poder!

Sóbe ufana, e o sol brilhante
De esplendor a vem cingir;
Mas cáe por terra, e na lagem,
Vai-se á outra confundir!

Prepotentes, essa agua
Teve ascensão transitoria!
Não tem juiz no futuro,
Mas vós lá tendes a historia!...

O 1.º DE MAIO.

ENTRA hoje o mez das flôres,
Lindo maio, o perfumado;
Em que todo o namorado
Dá um ramo aos seus amores!
A não screm dissabores,
Um tambem te houvera dado.

Dera-te uma bella rosa
Só meia desabrochada;
Inda de pranto banhada
D'aurora pura e formosa!
Imagem da desditosa,
Com meia vida roubada!

Um jasmim também te déra . . .
É tão alvo e delicado ! . . .
Em seu cáliz apertado
Dôce lagrima se gera ,
Que á memoria te trouxera
Um peito nunca manchado !

Mas eu só tinha um amor ,
Que encontrei murcho no chão !
Calcado sem compaixão ,
Já não parecia uma flôr !
Ah ! quem não teria dôr
De assim vêr a perfeição ?

O meu jardim acabou ;
Já não tenho mais que dar :
Para delle me lembrar
Só uma silva ficou
Selvagem , que se criou
Para prender , e rasgar !



A PRIMAVERA.

Como bella d'entre os gêlos
Surge a dôce primavera !
Que almo fogo , que magia
O sôpro seu regenera !

Como é lindo nesta quadra
Vêr a manhã despontar ;
Em rósea , doirada nuvem
As sombras afugentar !

Entre arroios cristallinos
Brilham do valle os verdores ;
Entre a relva das campinas
Fulgura o matiz das flores.

O attento ouvido sente
O tronco d'amor estalar . . .
E os olhos penetrantes
Os germes desabrochar! . . .

Já de regiões ignotas,
Alados povoadores
Vem a nosso doce clima
Dar impulso a seus amores.

Em nós mais-se accende a vida,
Mais deseja o coração;
O prazer tem mais requinte,
É mais forte a sensação.

Os sons tem mais harmonia,
Mais relêvo a natureza;
Sua tintas são mais vivas,
Seus quadros tem mais belleza.

Os ventos, encadeados
Não nos virão despertar;
No silencio mais profundo
Póde a noite suspirar.

Aziágas , longas horas
Para crimes destinadas ,
Serão boras de delicias ,
Ao somno e á amor consagradas.



A AURA DO ESTIO.

Como sopras brandamente,
Fresca aura carinhosa! . . .
Que almo deleite me causa
Tua sensação mimosa! . . .

Como murmuras baixinho,
Por entre esses arvoredos,
Segredos do coração . . .
Lindos e ternos segredos! . . .

Mil delicias se respiram.
No teu aroma de flores;
Nos suspiros que, passando,
Recolheste dos amores!

O teu halito divino
O mal presente adormece ;
Como a lembrança d'um sonho
O passado quasi esquece !

Tua essencia tem a força
Do coração dilatar ,
E poder a dôce esp'rança
De novo alimentar !

Qual á palmeira deserta ,
Providente furacão
Do amante vem trazer
O polmo da geração ;

Assim , tu , de quem adoro
Me trazes , n'uma saudade ,
O germe que regenera
Illusões de f'licidade !

D'onde vens , aura d'encantos ,
Aditar estes jardins ?
Serás tu leque de plumas
Das azas dos cherubins ! . . .

Ou serás d'amante peito
Amorosa exalação?...
Ah! não és... qu'esses suspiros
Tem o fogo d'um volcão!...

Dize, dize, d'onde vens?...
Serás pelo ceo mandada,
Para dar á terrá a amostra
Da atmosphera sagrada?

Mas já não sopra!... fugiu
D'estes sitios abrazados!...
É sempre assim a fortuna,
Quando sopra aos desgraçados!



O EQUINOCIO DO OUTONO.

D'ENTRE nuvens côr da noite,
Brilha sinistro clarão!
Parte o raio pavoroso,
Rola medonho trovão:
Lá no ceo tudo são iras,
Cá na terra confusão.

Desaba a chuva em torrentes,
As levadas engrossando
Tributarias desse rio,
Que já corre trasbordando...
E talvez em suas aguas
Quantas victimas levando!...

Desenfreados os ventos
Vem os campos assolar:
Aqui, os troncos poderosos
Vejo por terra prostrar!
Mais além, de humildes cboças
Os colmos arrebatat!...

Da videira os róxos cachos
Por esse chão esmagados! . . .
Sem seve, ao ar desabrido,
Arvoredos arrancados! . . .
Aureos fructos de esperança
Por toda a parte arrojados! . . .

Furioso de seus diques
O mar pretende sahir! . . .
Se recúa . . . mais raivoso
Vem as rochas investir,
E de macilenta espuma
Aridas praias cobrir! . . .

Scena d'encantos, não cesses,
Deixa-me em ti saciar! . . .
O terror é meu prazer,
Minha delicia o chorar! . . .
Ah! pudesse eu vêr-te, ó mundo,
Comigo ao cahos voltar!

22 de Setembro 1848.



O INVERNO.

INVERNO, estação da morte,
Do luto da natureza,
Como em ti, em mim só reina
Agitação, e tristeza.

De ti as aves se afastam;
De mim os risos, e as graças!
Ventos contrarios te agitam;
A mim constantes desgraças!

No teu seio desabrido
Do fructo não vinga a flor;
No meu peito amargurado
Não dura a illusão d'amor!

Prende o gêlo as tuas fontes,
Veda-me o pranto a oppressão!
As fontes dão vida aos prados;
Pranto allívio ao coração!

A sombria atmosphera
Não encobre o teu rigôr;
O enganoso sorriso
Não occulta a minha dôr!

Mas tu passas . . . vês seguir-te
A linda estação das flôres . . .
Eu vivo, em quadra constante,
Vida só de dissabôres!



O MAGNOLIO.

TENRA planta ; quanto invejo
A sorte que vais gozar !
A sorte que eu te destino ,
E que a mim não posso dar !

Vais em fertil , grato solo ,
Em repouso vegetar !
Crescer ! tornar-te copado
Para o meu anjo abrigar !

Quando a linda primavera
D'alva flôr te matizar ,
Pede que lhe vão as auras
Os teus aromas levar :

Que nos labios seus deponham
Beijo de maga impressão!, . .
Beijo, que labios mortaes,
Por mais que o tentem, não dão!

Quando o sol no sêcco estio
Ardentes raios vibrar,
Dobra teus ramos frondosos,
Dá-lhe um sombrio lugar.

Faze com que em dôce abrigo
Elle possa meditar,
E meu nome, algumas vezes,
Com saudade recordar!

No outono, quando a folha
Roje pallida e sem vida,
Quasi desfeita, esmagada,
Com a terra confundida;

Escuta quanto elle diga;
Se de mim lhe ouves fallar;
Se olhando as folhas calcadas,
Comigo as quer comparar!

Vaticino, que elle exclame:
« Assim calcada! vivia!
« Desconhecida entre os homens
« Quem só venturas merecia! »

Ao dizê-lo, a muda campã
Ha-de abrir-se com pavor,
Ao vêr que a fria caveira
Inda sorri com amor!

Na rude quadra do inverno,
Como tudo, has-de soffrer:
Da lei geral do destino
Isenção não podes ter.

Combatido das tormentas,
Pelos ventos agitado,
Serás, em quanto vegetes,
Meu emblema desgraçado.

Outubro de 1843.



ADEUS A UM CHORÃO.

ADEUS, emblema do pranto,
Vergado, triste chorão!
Nestes sitios tão saudosos
Plantado por minha mão! . . .
Plantado com a esperança
Que murchou no coração! . . .

Dos cuidados que te dei,
Nenhum premio recchi!
Como da aurora o clarão,
Tua sombra apenas vi! . . .
Tua sombra, que era minha,
Para outra fique ahi.

Mas talvez abandonada
Ninguem a venha gosar,
Contemplando deste abrigo
Ao longe o soberbo mar . . .
Ao longe . . . beijando as praias . . .
Mais longe . . . o ceo abraçar . . .

Ou de noite a maga lua
De traz da serra nascer,
E de luz suave, e dôce
O seu pharol accender! . . .
Seu pharol, que destes sitios
Nunca mais terei de vêr! . . .

Tenro chorão, eu te deixo
De amargo pranto regado! . . .
Por mil suspiros ardentes
Quantas vezes agitado! . . .
Quantas vezes confidente
D'um segredo revelado!

Nunca o tufão das tormentas
Sintas de perto rugir . . .
Só brandas, fagueiras auras
Tua coma sacudir . . .
Tua coma tão modesta,
Curvada p'ra não subir!

Jámais o corvo sombrio
Venha triste magoar-te! . . .
Venham só canoras aves
Com seus cantos afagar-te!
Com seus cantos de saudade
Que de mim façam lembrar-te!

A ACACIA.

ONDE estão as tuas galas,
Acacia do Trovador?
Teus verdes côr d'esmeralda,
Os teus cachos d'alva flor?
Tua sombra, atmosphera
Do estro, e do amor?

As folhas que inda te restam
Mal se podem sustentar;
As outras, sêccas, mirradas
Vão ao tronco teu formar
Funéreo 'strado, que a briza
Faz, fugindo, crepitar!

Aves que a ti affluam
Attrahidas da harmonia,
Que do Bardo o alaúde
Em cada som diffundia,
Já lá vão a demandar
Mais quente, mais longo dia.

Mas que vejo! Tu seccaste
P'ra nunca mais florecer!
O teu lenho sem medula
Largas fendas deixa vêr!
Tão cêdo!... no teu vigor!...
Tão formosa!... assim morrer!...

Eras árvore da poesia,
Acacia da Liberdade!
Morreste!... mas em teu germen
Legaste á nossa saudade
Reproducção duradoura
D'esperada f'licidade!

Outubro 1848.



A INFANCIA.

QUE saudades que eu tenho do tempo
Em que alegre nos prados corria,
E as aves no canto imitando
Entre a relva as florinhas colhia!

Longas horas passava esquecida
Vendo as ondas na rocha quebrar;
E um vago sentir de tristeza
Docemente me vinha enlaçar!

Quantas vezes do cimo d'um tronco
No cristal d'um regato saltei;
E ao tronco chamando Leucade,
Ao regato mar Jonio chamei!

Quando os risos bebiam meus prantos,
Nada a minh' alma as campas diziam,
Nem lembranças que o peito flagellam
Entre mim e meu berço surgiam.

O immenso horisonte qu' eu via,
Nem se quer d'uma nuvem toldado,
Excedia o azul das safras,
D'estrellinhas aos centos cravado.

Lá no fim, como o sol em occaso,
Vaporoso moimento fulgia! . . .
Por ornato, do emblema da fé
Alva corôa de lirios pendia.

Os caminhos que lá me guiavam
Eram todos juncados de flôres,
Que suave perfume exalavam
D'entre várias, lindissimas côres!

Já lá vai . . . já lá vai esse tempo! . . .
Já lá vai . . . e não pôde voltar! . . .
Se os humanos não fossem mortaes,
Esta idéa os podia matar!

Por um dia . . . só um . . . d'esse tempo ,
Minha esp'rança mais bella daria ! . . .
Dera mesmo a mais dôce illusão ,
Dera as crenças d'amor , quando eu cria !



ADEUS Á MOCIDADE.

ADEUS, bella e gentil mocidade,
Linda quadra de maga ternura;
Adeus, crenças d'amor, impossiveis,
Adeus, horas de fel, e doçura.

Tens d'ephéméra flôr a existencia,
Que esta aurora rocía em botão;
Que perfeita abre o sol no zenith,
E que a noite vê murcha no chão!

Cinco lustros volvidos apenas,
Já perdeste a frescura mimosa;
Já não tens do jasmim a candura,
Nem a còr pulibunda da rosa...

Simples c'roa de candidas flôres,
Se és modesta, adornar-te não deve,
Nem o raro tecido, que imite
Lá do mar as espumas de neve.

Já se affroixam as cordas da lyra
Em que o genio te dava louvores;
Os amantes se tornam ingratos,
Os escravos se tornam senhores.

Ai daquela infeliz, que não deixou
D'esse tempo as fataes illusões,
E não tem nos encantos da alma,
Dos affectos seguras prizões!

A estação qu'era propria, fugiu-lhe . . .
Já de novo não póde voltar . . .
Sem amor, amizade, ou estima,
Vai vivendo, se a vida é durar!



O SUSPIRO.

VAI, suspiro da minha alma,
D'amargo pranto banhado;
Deixa o triste afflicto peito,
Vôa a quem te ha chamado.

Mas quem ha-de conduzir-te,
Filho da minha saudade?
Fiar n'um amigo? é homem,
Tem d'essencia a falsidade.

O vento sempre inconstante
Póde-te o rumo trocar,
E levar-te a outro peito
Onde não queiras entrar.

A sensível meiga rôla
Póde n'um laço ficar ,
E por entre os seus queixumes
Meus segredos revelar !

Volve, suspiro, a meu peito ;
Vem morrer-me ao coração ! . . .
Onde amor te deu a vida ,
Dê-te o sepulchro a razão.



A LYRA.

Eu tinha uma eburnea lyra
De suave afinação,
Que, sem o fogo do genio,
Calava no coração.

Eram tristes suas vozes,
Vozes de maga doçura! . . .
Faziam correr o pranto,
Geravam n'alma a ternura! . . .

Se eu cantava amor feliz,
Dirieis que se animava! . . .
Se era um amor desgraçado,
Dirieis que suspirava! . . .

Era a lyra o meu enlêvo ;
Por ella tudo esquecia ! . . .
Só amor lhe dava canto ,
Só amor nella influia !

Mas vi uma noite em sonho ,
Que negra mão a tomou ,
E que a furto as aureas cordas
Mysteriosa lhe mudou !

Acordando espavorida ,
Quiz a lyra experimentar . . .
Mas os sons da minha lyra ,
Ai de mim ! . . . não pude achar ! . . .

Eram ingratos, e froixos
Aquelles que lhe deixaram ! . . .
Quiz afiná-la de novo . . .
As cordas todas quebraram ! . . .

Vou coroá-la de cypreste ,
Vou-lhe as rosas arrancar ! . . .
Quem perdeu vozes d'amor ,
Deve nas campos chorar .

A NOVA ESTRELLA.

N'UM denso, cerrado bosque,
Em funérea solidão,
Simples tumulo se levanta,
Sem memoria ou inscripção.

As aves alli não cantam
Em dôce, e grato gorgêio;
D'acordar da campa a dôr
Parece terem receio!

O myrto alli não florece,
Nem brilha na tyge a rosa;
Seu perfume exhala occulta
A violeta mimosa.

Sempre viçosas saudades
Adornam este lugar!...
Longas hastes, o martyrio,
D'entre ellas se vê lançar.

Auras aqui não murmuram!...
Ruge aquilão furioso,
Que dobrar procura a corôa
Ao cypreste magestoso.

O regato a furto passa;
Nem se atreve a murmurar!...
Vai a sitios mais ditosos
Suas aguas espraia.

Pégada humana não ousa
Penetrar a estancia escura!...
Que alli mil phantasmas vivem,
A tradição assegura!

Só quem da vida esgotou
Todo o cáliz da amargura,
Não recúa ao triste aspecto
Da tranquilla sepultura.

A horas mortas, me guia
A ardente imaginação,
A buscar conforto á vida,
Dos finados na mansão.

Mas é sonho, ou realidade?
Ao entrar nesta morada,
Onde é nada a formosura,
Onde a prepotencia é nada;

Vejo surgir do moimento
Alva roupa que fluctua . . .
Ligeiras fórmãs desenha
Ao roiar da escaça lua.

Nisto, sons que o sangue gelam
Vem ferir os meus ouvidos! . . .
E estas palavras solemnes
Pude ouvir entre gemidos:

« Outra imagem na tua alma
« Apagou minha memoria . . .
« Roubou-me a tua ternura,
« Extinguiu a minha gloria! . . .

« Mas d'entre as cinzas do nada
« Por um milagre d'amor ,
« Volvo ao mundo para ser
« O teu astro velador ! . . . »

E nisto qual raio corta
A etherea região ;
Vai no espaço fulgurar
Em nova constellação.

Outubro 1835.



DESENGANO.

SONNO, ou deliro!
Quem ousa crêr
Que podem sombras
Sensíveis ser?

Se fui amada,
Se fui amante,
Se fui trahida,
Se fui constante...

Além do Lethes
Tudo passou!
Tudo da mente
Fugiu, voou!

Já não me embalam
As illusões!
Eu nego amor,
Nego as paixões!

A LAPA DOS FINADOS.

SOLEMNE asylo
Do desgraçado,
Quando abrigado
Serei por ti?

A tua ideia
Dá-me valor
Para o rigor
Soffrer do Fado!

Reina em teu seio
Silencio triste:
Mas quem resiste
Á voz do nada?

Ella nos diz,
Que tudo acaba! . . .
Que quanto amava
É pó alli! . . .

Que alli, tambem
Viva afeição
No coração
Não tem podêr!

Que somno infindo,
Gélida paz,
Ao que alli jaz
É quanto resta!

Mas o ditoso
Que foi amado,
Abandonado
Alli não é;

Que mão amiga,
Ou mão amante,
Lá vai constante
Dar culto ás llores,

Que o pranto rega,
Saudoso pranto,
Que póde tanto,
E nada alli!

Que existe, e avulta
Maga-illusão
Do coração
Apaixonado:

Que entre os vapores
Da madrugada
A sombra amada
Toma figura ;

E que entre as azas
D'aura mimosa,
Meia chorosa
Foge, e sorri !

Esta chimera
Sustenta a vida ;
Adoça a ferida
Do infeliz.

Mas a quem falta
N'alma poesia . . .
Ou sympathia
No coração . . .

O tempo rouba
Toda a saudade . . .
E a felicidade
Torna a nascer.



O BEIJO DA MEIA NOITE.

Em bosque d'alvas acácias
Fatigada me deitei:
Algum anjo me embalou;
Que tempo dormi, não sei.
Nunca somno tão suave,
Em minha vida gozei!...

Acordou-me leve sôpro,
Que por meus lábios passou;
Qual aza de borboleta
Que a bonina espanejou!...
Mas este sentir tão brando
Todo o meu ser transtornou!...

Como se eléctrica vara
Por mil partes me tocasse...
Como s'uma ardente lava
Pelas vês me coasse...
Como se o fulgôr do raio
Minha vista deslumbrasse!...

Da infeliz Gaya era um beijo
Enviado a Almansor,
No momento em que soffria
Da morte o cruel rigor! . . .
Era um beijo de finada,
Mas inda beijo d'amor! . . .

Por sortilegio levado
Foi longe desta mansão:
Quando voltou, era tarde,
Tinha esfriado a paixão . . .
Já linda Moura encantava
D'Almansor o coração!

Ficou pelo ar pairando,
Até poder encontrar
Neste sitio, á meia noite,
Em crescente de luar,
Labios que nunca mentissem,
Para nelles se exhalar!

Quinta da Boa-vista, Choupelo: 8 de Outubro 1848.



o ECCO.

ARVOREDO centenário,
De romantica solidão,
Onde, livre de oppressão,
Pôde meu pranto correr,
Sem ninguem vir conhecer
Do meu desgosto a razão...

Tua selvagem belleza
O machado respeitou;
Apenas tocar-te ousou
D'alta procella a rajada,
Que repellida e quebrada,
Bramindo, se dispersou.

Aqui não vem mão profana,
À sombra de teus verdores
Cultivar dobradas flores :
Só de singela bonina
Cuida a aura matutina,
E orvalhos creadores.

Pomposa vegetação,
Rochedos alcantilados,
Mimosos cantores alados,
Puro ceo, mar inconstante! . . .
Silencio, por um instante . . .
Escutai-me os sons magoados . . .

« Eu amei como se amam
« No ceo os anjos d'amor ;
« Como a innocente flor,
« Que só tem uma affeição ;
« E tão fiel coração
« Teve a sorte d'um traidor ! »

Oh! ceos! que grata surpresa! . . .
Senti um ecco acordar . . .
A minha voz imitar . . .
E quando eu disse . . . *traidor*,
Repetir com mágoa . . . *dôr* . . .
Qual suspirei, suspirar!

Vou de novo experimentar
Do rochedo esta magia ;
Esta voz de sympathia ,
De novo desafiar ;
Quero de novo gosar
Minha propria melodia.

« Aqui o meu somno infindo
« Gélido leito ha-de ter ;
« Simplez inscripção dizer :
« Aqui jaz uma *infeliz* . . . »
Só disse o *ecco feliz!* . .
Feliz ?! Sim . . . por não viver!



A MORTE DO VATE.

A MORTE, não! choro a vida
Do vate, que nos deixou!
Essa vida de amarguras,
Que nem amor lhe adoçou;
Essa vida de mysterios,
Que ninguem lhe adivinhou!

Que phantasmas pavorosos
Seu genio não crearia
Nestas longas, tristes noites,
Talvez todas d'insomnia! . . .
E se adormeceu!.. Ai delle! . . .
O despertar qual seria!..

Viu seu futuro perdido! . . .
Futura esp'rança acabar! . . .
A fugir ao mundo ingrato ,
Foi-se no Douro arrojár . . .
No Douro . . . que ufano delle ,
Mais á terra o não quer dar !

Então sua alma divina
Branças azas desprendeu ,
E dizendo adeus á terra
Entre os astros se escondeu !
Foi gozar o ceo , que em vida
Só o vate comprehendeu !

Mas de noite , á fatal hora ,
Magos sons se ouvem vibrar ,
E sobre o novo Leucade
Alvo cysne vem pairar ! . . .
Alli canta . . . alli accusa . . .
Perdôa . . . e torna a voar !

Janeiro 1849.



A MORTE D'ELLA.

Lá onde o Douro se perde
Das aguas na immensidade ;
Formoso dia expirando
Deixava a luz da saudade ,
Luz mortal alumando
Das praias a soledade.

Então alli se escutava
Este canto d'agonia ;
Esta harmonia de mágoas
Que do coração partia
Da mulher, que procurava
O que mais vêr não podia :

« Alegrias deste mundo
« Já não posso comprehender ;
« As idéas , que me animam ,
« Vem da morte , ou lá vão ter :
« Minhas delicias são pranto ,
« A tristeza é o meu prazer.

« O sol perdeu o seu brilho ,
« As estrellas seus fulgores ,
« A lua a sua magia ,
« O iris todas as côres ,
« Toda a graça a naturezã ,
« E a morte os seus horrores.

« Se lá na margem do Ganges
« Funesta superstição
« Leva a viuva a lançar-se
« Das chaminas no turbilhão ;
« A seguir o seu tyranno
« Dos mortos á região ;

« Será pois crime entre nós
« A triste vida perder ,
« Quem viu tudo quanto amava
« Da terra desapparecer ;
« E só ao de lá da campa
« Dôce esp'rança renascer ? . . »

Aqui parou de cançada ;
Longo suspiro exhalou ,
E os olhos desvairados
Na cruz da sofidão cravou ;
Symb'lo, que a fé , ou a morte
Neste sitio levantou.

Depois com trémulos passos
Foi á cruz ajoelhar ,
E abraçada com ella
Par'ceu tranquillã ficar :
Como o somno da innocencia ,
Como o rochedo no mar !

Quem poderá calcular
O tempo que assim passou? . .
O abutre não o diz ,
Que as carnes lhe devorou ;
Nem a vaga , que o esqueleto
Ao seu amante levou !



Por occasião de se publicarem os versos á MORTE
DO VATE, debaixo do pseudonimo de *Soror
Dolores*; apparecendo a esse respeito uma Poesia
assignada = *Ninguem* =

NO PRADO DO REPOUZO.

SOROR DOLORES :

A NINGUEM.

No despontar da existencia
Pulsar a lyra tentei :
Não tenho a força do genio,
Só brandos sons lhe tirei.

Ruidosas festas do mundo,
Novos climas, novas flores,
Deixaram no esquecimento
A lyra sagrada a amores.

De prazer já fatigada
Vim a solidão buscar,
E a lyra abandonada
Quasi sem cordas achar.

Uma apenas lhe restava :
Era a da melancolia ;
Dôce socia da minha alma ,
Mesmo na minha alegria.

Desde então mudou a essencia
Trocando toda a doçura
Por amargo fel da vida ,
Que a morte um bem nos figura.

Hoje só as mudas campas ,
Ou a voz da tempestade ,
A custo vem arrancar-me
Tristes cantos de saudade !

Apraz-me o escuro cypreste ,
Ornato do cemiterio ,
Arrobado por finados
N'esse lugar de mysterio.

Funéreas lages procuro,
E vou-me nellas sentar . . .
E com o mundo invisivel
Horas, e horas fallar !

Um dia, que solitaria
No Repouzo divagava,
Ouvi um canto de morte,
Que a morte á vida chamava.

Então aos eccos pergunto,
Quem assim cantado havia . . .
Se era d'anjo, ou de mortal
A voz que tanto pungia !

Depois de longo silencio
A resposta alfim me vem ;
Não dos eccos . . . d'um moimento
Sahe a voz, que diz : NINGUEM !



A MORTE DO SOLDADO.

Já o sol em seu occaso
Puniceo manto trajava,
E do céu as pardas nuvens
Da côr de sangue rajava.

D'essa luz sangüíneo raio
Pálido rosto allumia!
Era o rosto d'um soldado,
Que carpindo assim dizia:

« Maldita a guerra cívil,
« Que vem a patria assolar!
« Maldita a ambição tyranna
« Que vem o povo esmagar!

« Povo infeliz! . . . desvalido . . .
« Que nem de ti és senhor! . . .
« Algemado para a guerra
« Vim como um salteador . . .

« Sem ao menos trazer crenças
« De que ao perder esta vida,
« Da patria a sacrificava
« Á liberdade querida!

« Lá deixei a triste mãe,
« Viuva, desamparada;
« Que para pagar tributos
« Vendeu a pobre morada!

« Lá deixei saudosos lares
« D'innocencia, e de ventura! . . .
« Lá deixei a cruz, que marca
« De meu páe a sepultura!

« Á voz terrivel de = fogo =
« Obedeci a 'tremar . . .
« Não de mêdo . . . receando
« Algum crime commetter! . . .

« Parte o pelouro silvando . . .
« A nenhum alvo vizei ! . . .
« Mas que horror ! . . . foi d'esse lado ,
« Que o irmão sem vida achei !

« Sobrevivi á saudade . . .
« A deixar a mãe sem pão . . .
« A uma guerra traiçoeira ! . . .
« A ser fraticida , não ! »

Nisto , sobre o coração
O arcabuz apontou ! . . .
A detonação partiu . . .
O soldado alli ficou !



A MORTE D'UM MENINO.

Oh! que mágoa tão sentida!
Oh! que dôr tão natural!
Rasga aquelle coração
A saudade maternal,
D'extremos alimentada,
De todos sympathizada!

Chora, chora, terna mãe,
Desabafa a tua dôr,
Que um pedaço de tua alma
Te arrancou o Creador,
Para lá no ceo formar
Anjo, que te ha-de velar,

Depois de longo gemer ,
Do tempo que vai passando ,
Os instantes bemfazejos ,
Gôta a gôta , vão lançando
No teu coração sensível
O seu balsamo infallível.

Ha-de vir enfim o dia ,
Confia , não tardará ,
Que essa negra , atroz saudade
Supportavel ficará ,
E dirás que é venturoso
Quem deixa o mundo enganoso.

Antes de provar da vida
O câlíz amargurado ,
De que o fado não isempta
Nem o ente afortunado . . .
O anjo , que isto anteviu
Foi-se a Deus , voou , fugiu.

Mas , fugir de todo . . . não !
Ha-de invisível tornar ,
Para em sonhos innocentes
Os seus abraços te dar ,
E no aroma da rosa ,
A respiração mimosa.

Quando a aura matutina
Teu casto seio affagar,
São caricias do filhinho,
Que de Deus pôde alcançar,
Volver á terrea morada,
Beijar a mãe adorada.

Se duas estrellas vires
No puro ceo scintillar,
Crê que são seus bellos olhos,
Que teus olhos vem fitar! . . .
Socega . . . bem vêz que a vida,
Da morte, breve é seguida!



À ROSA DA CAMPA.

(NO PRADO DO REPOUSO.)

QUE bello, e candida rosa,
Tão singela, e tão formosa!
Inda hontem brandas auras
A beijaram em botão,
E já na campa, cortada,
A depôz saudosa mão!

Mas alli, sêcca, mirrada,
Ha-de ser sempre adorada,
Conservando a pura essencia,
Que se não pôde extinguir;
Ha-de, na valla da morte,
Seu germen reproduzir!

Virão dessa louza escura ,
Dessa maga sepultura ,
Desse pó do coração
Daquelle , que tanto amou ,
Os succos alimentar ,
N'outra , a flôr que ali murchou !

Será côr da neve alpina ,
Quando estrella matutina
Se esvae no azul dos ceos ;
Como a cútis transparente
Da virgem , que amor revela ,
Inda mal no peito o sente !

Não trará pungente espinho !
Ondulando em seu raminho ,
Ha-de o ar embalsemar
De seu hálito d'amor ;
Ha-de cantos de magia
Inspirar ao trovador.

E quando o tempo correr ,
Neste sitio se ha-de vêr
Essa festa de Salency ,
Tão moral , e tão pomposa ;
E o premio da virtude
Ha-de ser da campa a rosa !

A MINHA CRUZ.

Foi um raio, que passou

Já não luz, já se apagou;
Eu deslumbrada o tomei
Por centelha d'affeição
D'algum ígneo coração,
Que attrahi; porquê, não sei.

Eu vivia sem amar;
Eu dormia sem sonhar:
Acordei do raio á luz;
Era mago o que então vi;
Mas tive medo, fugi;
Fugi para a minha cruz.

Cruz de ferro . . . e tão pezada ! . . .
Mandou-ma Deus , é sagrada ,
Não a posso abandonar !
Matou-me em flor a esperança ;
É um mar sem a bonança ,
Sem uma 'strella polar !

Venha agora a primavera ,
Que ternura em tudo gera ,
A natureza addictar ;
Venha o astro seductor ,
Que de noite diz amor ,
A lympha pura argentar :

Nem a mais leve impressão ,
Nem a sombra de emoção
Em meu rosto se ha-de vêr ;
Mas as ciozas d'um voleão ,
No gelado coração ,
Hão-de achar , quando eu morrer !



UM SONHO.

CORRIA o Maio entre as nuvens,
Deixando na terra as flores,
No ar a electricidade,
A poesia aos trovadores.

Já da luz, que a sombra apaga
O semi-morto clarão,
Se amor encobre na face,
Mais o revela a expressão.

Nessa hora, meiga Fada
Veio meus olhos fechar,
E n'um somno de magia
A minha alma sepultar.

Era tudo riso, e luz,
Graça, perfume, harmonia;
Um sonho de primavera,
Um sonho de sympathia.

Era n'um bosque d'acácias;
Um regato alli corria;
Por entre a relva mimosa
A violeta apparecia.

Borboleta chammejante,
Que aureo polmo empocirava
Das antheras da cecem,
Em tórno de mim girava.

'Spanejando as leves azas,
Vinha em meus labios pouzar;
Essa aragem branda e dôce
Fazia meu peito arfar.

.....
.....

Com as tranças me brincava;
Os meus sentidos prendia!...
Despertei... e acordada,
Inda a illusão existia!

Á MEMORIA DO GENERAL VISCONDE
DE BEIRE.

DÁ-ME, ó lyra magoada,
Á tristeza consagrada,
Um extremo canto só,
Como esses ais sentidos
Pela saudade pungidos,
Que da campa gera o pó!

Lá cobriu funéreo panno,
Como fatal desengano,
Profecto, excelso brazão,
Que honra e valor já lhe dera!
Regio dom mais não valera,
Que da honra o galardão.

Qual o fructo sazonado,
Que pésa em ramo vergado,
E se desprende sem custo;
Assim o corpo deixou,
Assim a Deus se entregou
O espirito recto, e justo.

Mas que saudade levava
Da esposa que idolatrava!...
Dos filhos que tanto amou
Na hora do passamento!...
Foi com este sentimento
Que Deus o purificou.

Ai dellas!... tão extremosas!...
Inda ha pouco tão ditosas!...
Faz tremer, só de lembrar,
O momento que passou,
Quando a mãe a vez primeira
As filhas sem páe achou.

Sou mulher... não tenho brado,
Para cantar o soldado,
Nem as acções de primor
Que esta patria lhe devia,
Prezei-o muito; só queria
Levar-lhe á campa uma llôr!

Seja embora urze selvagem ;
É de respeito homenagem ,
D'uma alma singela e pura ;
Não póde lisongear ,
Nem aos vivos agradar ;
Mas adorna a sepultura !



ESTAVA TRISTE!

RIS-ME em pé sobre a lage das campas,
Com a harpa do pranto afinada! . . .
Meia noite bateu! . . . Eia! vamos!
Pelas sombras me sinto inspirada!

Sólta ao ar, a madeixa tremúla,
Qual bandeira no forçe elevada,
Que se entrega aos caprichos do vento,
Mas com haste na ameia cravada.

Esta face, se um raio lhe dêsse
Um clarão á tão livida côr;
Essa côr das paixões, do sentir,
Mostraria do raio ao fulgôr.

Mostraria esta fôrma ligeira,
Esta fôrma que a briza ondeára,
Em contraste co' a alma que encerra,
Que á tortura cruel não vergára.

« Negra a noite se escôa em silencio,
« Sem estrella volante a correr;
« Nem de briza murmúrio que passa,
« Nem de vida um signal de viver!

« Essa vida de mil corações,
« Que o destino no meu faz pulsar,
« Como ha-de, no peito do homem,
« Um sentir, qual o meu encontrar?

« E da vida sonhada por vates
« Me separa barreira invisivel!
« É de gêlo formada!.. tão dura!..
« Debellá-la seria impossivel!

« Quiz um ai de harmonia soltar,
« Distrahir-me cantando uma flôr... »
Mas a harpa rebelde recusa,
E só vibra nas cordas = amor! =

Arrastada do som, que lhe ouvi,
Já 'squecida de amor delirava!...
Mas tornando a mim!... oh meu Deus!...
Ai!... que dôr o meu peito rasgava!

Lá dos mortos ás campas, ás cinzas,
Os meus cantos virei consagrar:
Não respondem ao mundo prosaico...
Mas com vates vem sempre fallar.



AMOR.

No Album do Ill.^{mo} Sr. Alfredo Allen.

QUANDO nasce a madrugada,
E lança no seio á flôr
Alma gota, cristallina,
Ella 'stremece d'amor!

Quando o sol transmite ao mundo
Brilho, luz, graça, e calôr;
Calôr, graça, luz, e brilho
Derramam na terra amôr.

Quando a triste noite accende
O seu pharol seductor,
Languidêz, melancolia,
Vem abrir o peito á amor.

Quando o mar arfaço deixa
Esse lidar em furor,
As vagas rolando vem
Gemer, nas praias, de amor.

Quando perdidas no bosque,
À sombra de seu verdôr,
Suspiram mimosas auras,
Porque suspiram? . . . D'amor.

Quando na balsa escondido
Se escuta alado cantor,
Os seus cantos de magia
São todos cantos d'amor.

Quando o alaúde inspirado
Vai pulsar o trovador,
Ou lhe extrahe sentidos ais,
Ou então vozes d'amor.

Quando soar a trombeta
Do anjo exterminador,
O mundo se volve ao calos,
E remonta aos ceos Amor!

O REGATO.

COMO eu, triste regato,
Corres no mundo perdido!
Vais assim, até que sejas
Nos abysmos submergido.

Vais por áridos desertos,
De saudades a gemer
Desse berço cristallino,
Que te embalou ao nascer . . .

Onde vinham brandas auras
Em tórno a ti adejar,
E de noite o rouxinol
Nas tuas margens cantar.

Eras o espelho da virgem,
Que de rosas se adornava;
Que, ao revêr-se em ti, mais vivas
Da face as rosas mostrava.

Deixaste prados virentes,
Mimosos vergeis de flores...
Quantas vezes em teu seio
Choraram tristes amores!

Hoje cahes desamparado
Por entre despenhadeiros;
Ora exposto ao sol ardente,
Ora á sombra dos salgueiros.

Pelos ventos agitado,
Tomas, perturbado, a côr
Da sêcca folha do outono,
Que tem da morte o palôr.

Infeliz!... que não pudestê
Um só int'resse inspirar,
Que te fosse a inclinação
Inda nascendo mudar!...

Como eu, triste regato,
Corres no mundo perdido!...
Vais assim, até que sejas
Nos abysmos submergido.

CHORAR E MORRER.

ERA noite! . . . alvo phantasma
A dôce lua encobria . . .
Apenas froixo clarão
Nas aguas se reflectia ;
Qual da cruz pendente lume ,
Que o cemiterio alumia !

Avulta mais entre as sombras
Um rochedo alcantilado ;
A seus pés vai manso o Douro
Depôr-lhe um beijo humilhado ;
E depois , como pungido ,
Corre ao mar arrebatado.

Ai que vozes, que sabiam
D'esse peito atribulado!
Vivo amor arde, seintilla
No coração calcinado!
Era amante, era mulher!...
Tem seu crime perdoado!...

« Como imprevista rajada,
« Que vem, em tarde de verão,
« Desfolhar a linda rosa,
« Mal tocou a perfeição!...
« Assim a fatalidade
« Me destruiu a illusão!

« Era unica!... E perdi-a!...
« Quanto a eriar me custou!...
« Foi o ultimo esforço
« Da vida, que a alma sonhou;
« A taboa em que o naufragado
« Do mar á sanha escapou!

« Como lá nos ceos da noite
« Se vêem os astros brillar,
« Vi na terra ceos d'amor,
« Negros olhos de matar!...
« E maturaram-me... que a vida
« Não se chama este penar.

« Tinham em si tal condão,
« Que a minha alma fascinaram;
« A dormente sympathia
« No coração me acordaram;
« E alli n'um só momento
« Sec'los de vida pulsaram.

« Mas era fãlso o seu brilho,
« Mentida sua ternura;
« Guardava fel reservado
« Sua apparente doçura...
« Foi um sonho!... A realidade
« 'Stá na paz da sepultura... »

Emmudece a voz magoada!...
Negro vulto se arrojou
No leito do rio, aonde
Dormir, sem sonhar, buscou!
As eras tem decorrido,
E nunca mais acordou!

Só quando o Douro trasborda,
Na tormentosa estação,
Surdos gemidos murmura
Em seu férvido cachão...
E lá surge, do mysterio,
Sobre o rochêdo, a Visão!

MELANCOLIA.

GEMIA a noite calmosa . . .
Gemia . . . mas tão formosa ! . . .
Nunca se viu noite igual !
Só nessa Italia infeliz . . .
Porque Deus em tudo a quiz
Semelhar a Portugal ! . . .

Argéntea lua , sem véo ,
Brilhava no puro céo ,
E na terra diffundia
Essa luz que diz . . . amai ! . . .
Essa luz que diz . . . choraí ! . . .
Essa luz toda poesia !

Poesia de inspiração
Dos anjos ao coração! . . .
Qual mago sonho de amor
Da linda virge' innocente;
Qual aroma reccidente,
Que do seio exhala a flor.

Enterneci-me, e chorava! . . .
Sem me perceber . . . amava
O rochedo, a estrella, a flor,
A aragem, a lympha pura;
Té amava a creatura,
Porque amava o creador! . . .

Salvei a méta da vida,
Deste vago em que se lida;
E n'alma, d'uma illusão
Veio a esperanza renascer,
E senti . . . senti bater
O já moÿto coração! . . .

Tudo era luz e rizo
No ideal paraizo
Da minha imaginação;
É que alli não vem as dôres,
Nem os profanos amores,
Manchar a pura affeição!

Acordei desta magia ,
Já a 'strella d'alva se via
Sobre o polo a scintillar ;
Volvi ao mundo real ;
E achei risonho o mal ,
E a virtude a chorar !



A VISÃO.

Foi no campo de carnagem,
Que os homens chamam de gloria,
No momento da victoria,
Que o guerreiro audaz 'spirou!
Uma bala traiçoeira
O coração lhe varou!

Morreu, sim! Ditosa morte!
Foi-lhe um 'stante o passamento:
Em seu ultimo alento,
PATRIA QUERIDA bradou:
E p'ra sempre á luz do dia
Seus bellos olhos fechou! . . .

Olhos brilhantes, e negros!..
Olhos como eu nunca vi!.,
Olhos por quem me perdi!..
E des'então, Deus piedoso!
O seu brilho me persegue,
Qual phantasma luminoso!..

Não basta, cruel destinô,
Tanto pranto derramado!..
Um viver amargurado!..
Sempre um desejo de morte!..
Até olhos de finado
Me vem seguir desta sorte?..

Não me deixam respirar!..
Fazem meu somno fugir!..
Vem os meus olhos abrir!.,
Vem o meu sangue gelar!..
Vem os meus labios prender!..
Vem o meu peito abraçar!..

.....
.....
Nisto acórdo espavorida...
Foi um sonho?... uma visão?..
Que fatal contradicção!..
Não a posso conceber!...
Quizera sonhar de novo,
E nesse instante morrer!

O MEU ASTRO.

No Album da Ex.^{ma} Sr.^a D. Adclaide Allen.

Eu adorava uma estrella,
Que entre todas mais brilhava:
Quando no ceo appar'cia,
Eu na terra ajoelhava.

Assim m'era o dia, noite;
Assim m'era a noite, dia;
O dia, trevas, tristeza;
A noite, luz, alegria.

E eu buscava a minha estrella,
Como a agulha mareante
Busca o pólo em toda a parte,
Agitada, mas constante!...

Uma noite, densa nuvem
A minha estrella encobriu!
Cuidei morrer de saudades,
Tê que de novo fulgiu.

Não te occultes, linda estrella;
Ou verdade, ou illusão,
És a unica esperança,
Que transluz no coração.

P'ra gozar n'um só momento
Um raio do teu fulgor,
Dêra toda a minha vida,
Dêra todo o meu amor.

Na vida pouco te dêra,
Que o martyrio a vai gastando,
Como a tocha do sepulchro,
Que o vento vai agitando.

No amor!.. 'Strella do ceo,
Ninguem me excede na terra!
É o amor do desgraçado
Que só tormentos encerra!

Ah! se ao menos me fôr dado,
Quando eu a vida exhalar,
Vêr-te no ceo radiante,
Dizer-te adeus... e expirar!...

Hei-de abençoar a morte!...
Hei-de crêr... hei-de esperar
Ir lá no ceo, em que habitas,
Unida a ti, fulgurar!



O ESTRO.

⓪ ESTRO é fogo ardente ;
É o elo refulgente
Que nos une ao Creador ;
Foi por Deus predestinado ,
Eleito o vate , inspirado
Nos hymnos do seu louvor ;

Nessa mystica belleza
Alma , e luz da natureza ;
Nessa abobeda celeste
De immensos soes matizada ,
De prodigios semcada
Que o puro ether reveste ;

Nesses bosques de verdores ;
Nessas campinas de flôres ;
Nos rochedos que tem brado ;
No lago sempre dormente ;
Ou do rio na corrente ;
Ou no mar sempre agitado ;

Ou na aragem carinhosa ,
Que , de noite , vem da rosa
Afagar lindo botão ,
Para a não córar de pejo ,
Ao libar-lhe em doce beijo
A suave exalação ;

Quer na maga primavera ,
Que ternura em tudo gera ;
Quer no estio ; quer no outono ;
Quer na estação da geada ,
Em que , exausta , e fatigada
Volve a natureza ao somno ! . . .

O estro dá claridade ,
Dá fulgor á escuridade ;
Ao silencio mais profundo ,
Encantadora harmonia ;
Graça e amor em tudo cria ,
Faz sahir do *nada* um mundo ! . . .

Póde tudo imaginar;
Do futuro o véo rasgar;
Dar á fama a eternidade . . .
Mas lá finda esse poder;
Que Deus lhe quiz conceder,
N'um sópro de divindade!



A ROSA DESFOLHADA.

QUAL seria o deshumano,
Que esta rosa desfolhou,
E as pétalas mimosas
Por esse chão arrojou?

Inda ha pouco tão viçosa,
E já da morte o palor
Vem rajar-lhe, pouco e pouco,
As folhas de nivea côr!

D'ella só restam espinhos,
Que ao tempo resistirão!
Tudo assim é nesta vida,
Só o mal tem duração!

Não hastou darem-te a morte,
Os teus restos dispersaram! . .
Qual do condemnado as cinzas,
Que aos ventos abandonaram!

Seria o tufão raivoso,
Porque o sol te enamorou
Com mais calor, e doçura,
Que o teu ser aniquilou?

Ai, homens! que a maior parte
São peiores que esse tufão! . . .
O que elle fez á rosa,
Nos fazem ao coração!



A IMAGINAÇÃO.

Veloz imaginar, nas azas tuas
Eis-me librado! .. pelos arcs vago,
E os espaços vingo d'alongados mares,
Desço á terra, e poiso ...

GARRETT — *Flores sem fructo.*

You sagrar a minha lyra,
Que só prantêa, e suspira,
Á ardente imaginação!
Ah! se o génio me sadára,
Ninguém mais alto voára
Nas azas d'uma canção!

Mas eu não sei descrever
O seu magico poder!
Que importa seja illusão,
Se o prazer, que faz sentir,
Se a pena, que faz pungir,
Nos dá real sensação!

Como a lava do Vesuvio,
Ou torrente do Danubio,
Na terra diques não tem!
Nu seu constante lidar,
Vai d'altiva o ceo entrar,
Desce aos abysmos tambem.

Foge do mundo real,
Na crença, que nada val!
'Squiva-se á fria razão,
Que tudo quer limitar;
Vai os êrmos povoar,
Isolar-se em multidão!..

Donde vens, astro de luz...
Donde vens, martyrio, e cruz...
Pelos ceos a esvoaçar?!
Enlouquecido na terra,
Que delicia, e dôr encerra
N'um ligeiro scintillar!..

Brilhante emanação do Ser Supremo,
Porque ao mundo vieste abandonada?
P'ra que baixaste aqui, onde opprimida
Te fazem depravada?..

Entre affagos d'amor, ou d'amizade,
És formoso baixel em dôce mar,
Aurora boreal, que ás densas trevas
Vens o manto rasgar!..

Mas quando a ingratição, a tyrannia,
Immerceida te affronta sem piedade;
És veneno cruel, qu'infiltra n'alma
A morte, e a anciedade!



É TARDE.

ROUXINOL, cantor d'amores,
Que tarde vens gorgear! . . .
Não vês, que o pranto da aurora
Já veio a manhã seccar?

Já da tua especie o bando
Findou hymnos d'alvorada;
Já levou sustento ao ninho
A terna mãe desvelada.

Já o ardente meio-dia
Ao colono fez buscar,
À sombra do arvoredado,
Abrigo p'ra descansar.

Já o sol, quasi entre as vagas,
Saudou triste a Portugal
Com pavilhão côr de sangue,
E tarja de funeral.

Já da ermida o campanario
AVE-MARIA soou:
Já o rafeiro ao corral
Farto o armento levou.

Já foram lindas estrellas
Puros cristaes namorar,
Palpitantes de ternura
Os seus retractos lhes dar.

Rouxinol, cantor d'amores,
Que vens tu aqui fazer?..
Negra noite já vai alta,
É forçoso adormecer.



O DESPERTAR:

Sabeis o que é este despertar do Poeta.

Hercul. Euric.

O CLARÃO lá vem da aurora!

Maga hora

Para todos que não tem
A doce esperança perdida,
E que a vida
Inda julgam ser um bem!

Para mim é bem cruel! . . .

Traz-me fel

Na taça do pensamento;
Quando me vem acordar,
E manietar
Da vida ao jugo violento!

Tempo foi, que o meu passado,
Mallógrado,
Era um futuro a sorrir!
Essa hora então ditosa,
Tão sandosa,
Hia nos campos fruir!..

Ouvir hymnos de louvor
Ao Senhor;
Das aves no seu cantar!...
No susurro da folhagem
Com a aragem
Nas fontes a murmurar!..

Já não sou o que então era!..
Quem dissera,
Que esta hora me seria,
Quando é d'almos amiores
Para as flores,
Para mim só d'agonia!..

Estou affeita ao meu penar!
Sei calar
Da minha sorte o rigor!..
Mas ao despertar, 'squecida
Desta lida,
Voltar a ella!.. É horror!

À SENHORA MARIETTA GRESTI:

NO PORTO.

O ROUXINOL entre as flores,
Gorgeando seus amores,
Não tem voz mais argentina,
Nem respira mais ternura,
Nem melodia mais pura,
Do que tu, GRESTI divina.

Uma aura perfumada,
Lá do oriente soprada,
Onde linda fada mora
Cultivando seus rozais,
Não murmura meiga os ais,
Como a tua voz sonora.

Quando a harpa de Sião,
De sublime inspiração,
Solemnes cantos vibrava,
Mais que tu não commovia,
Nem a compaixão movia,
Nem o remorso acordava.

O adeus que á patria diz
O proscripto, que infeliz
Para sempre a vai deixar,
É um grito penetrante,
Tem um ecco, é semelhante
Ao pungir do teu cantar!

Deve assim no espaço ethério
Ser um anjo de mysterio
Modulando hymnos d'amor;
Deve assim vibrar sonoro
Nesse eterno, augusto côro
Quando louva o Creador.

És o genio da harmonia,
Que pudeste por magia,
Essa voz ao céu roubar:
A mulher não pôde tanto;
Não tem o condão d'encanto
De todos arrebatat!

EM DIA DE REIS.

No Album do Ill.^{mo} Sr. Carlos N. Gandra.

SE o Album, qual vida humana,
Deve tudo supportar,
Póde a coruja sombria
Nelle seus pios soltar?

Sendo condição da vida
Alternativas soffrer,
Sobre que assumpto será,
Que me convenha escrever?

De flores?... Não!... Se as amei,
Vento ingrato as desfolhou;
Até os tristes suspiros
No embrião suffocou!

Da maga lua será?..
Divino vate a cantou:
Quem a cantar depois delle,
Por lunatico passou!

Do ouro?.. Maldita praga,
Que neste mundo appareceu!
Escólho da probidade,
Ao desprêso o voto eu!

D'amor?.. Não!.. Tambem ha muito,
Morreu em meu coração!
Eia, ávante, Portuguezes?..
É crime d'inquisição!

Cantarei então os reis,
Que me lembrou de repente;
Que faz annos, que chegaram
Lá das partes do oriente!



**Á PAGINA D'UM ALBUM, DEVOLVIDA
EM BRANCO.**

D'um Album de pensamentos
Folia em branco traduzi ;
Folia , que me disse mais
Do que ninguem até-aqui !

Brilhantes astros só podem
O estro meu inspirar ;
Deslumbrada de seus raios
Não posso sombras fixar.

Urze dos polos não devo
Na minha c'róa enlaçar ;
Entre os louros da poesia
Só as rosas tem lugar !

Bem podia uma lisonja
Na branca folha escrever ;
Mas a imagem da tua alma
Não me atrevi a offender!



NA PARTIDA DO CADAVER DE S. M.

CARLOS ALBERTO.

Vivesti qual guerrier cristiano e santo,
E come tal sei morto: or godi, e pasci
In Dio gli occhi bramosi, o felice alma,
Ed hai del bene oprar corona e palma.

TASSO C. III.

STREMECEU a liberdade!
Seu baluarte quebrou!
Geme o Povo em orphandade!
CARLOS ALBERTO expirou!
Vencedor, nunca vencido,
Em Novara foi trahido!
Cruel destino imm'recido
Nem um só ai lhe arrancou!

Morreu! . . . Cadaver o via! . . .
Ah! que momento fatal,
Em que, vendo-o, inda não cria
CARLOS ALBERTO mortal! . . .
Entre nós vinha viver;
Entre nós veio soffrer;
Ensinar-nos a morrer;
Legar saudade immortal! . . .

Astro foi de salvação,
Que no mundo fulgurou,
E na sua rotação
Os Povos illuminou.
Seu clarão não foi baldado;
Atravéz já tem brilhado
D'esse véo, que ensanguentado
Do HEROE a mão rasgou!

Oh! se o filho idolatrado,
Em que pulsa o coração
Do sangue do Rei-soldado,
De seu pó uma porção
Consentisse em nos deixar;
Teria culto e altar,
Fôra o genio tutelar,
Páladio desta nação.

Quem poderá, sem chorar,
O baixel funéreo ver
N'um ponto se transformar,
E no horizonte morrer!
De seus hymnos de victoria
Brilhantes dias de gloria
Resta-nos só a memoria,
Que é padrão de eterno ser!

1849 — Agosto.



A SAUDADE.

No Album da Exc.^{ma} Snr.^a D. Izabel de Faria.

FELIZ de mim se pudéra
Deixar-te da primavera
Sobre esta folha uma flôr!
O sôpro do vendaval
Desfolhou-me o meu rozal;
Teve igual sorte um amor!

Hoje cultivo entre espinhos,
Com meu pranto, e meus carinhos,
Melancolica saudade...
Vêde-a aqui... 'stâ tão viçosa!...
Como punge dolorosa
O peito na soledade!

Dá-me vida este pungir ;
Amo dôr que faz sentir
O passado ao coração ;
Foi feliz d'amor a esperança ;
Do que fui , resta-me a herança
Da saudade , e da paixão.

Esta flôr , cobre-a mysterio
Das-vallas do cemiterio ,
Onde nasceu , e vingou :
Lá da noite , quando a luz
Descanha as sombras da cruz ,
Foi meu pranto que a regou.


Guarda esta flôr em teu peito ,
Que o meu , foi-lhe espaço estreito ;
Rasgou-se de a conter ;
É pura como a tua alma ;
Nem da virgem mancha a palma ,
Nem faz remorsos nascer !

Outubro 1849.



VERSOS

Offerecidos á Exe.^{ma} Srr.^a D. Maria Francisca
Corrêa Brandão.

 LINDO botão de rosa ,
Que, na haste melindrosa ,
Inda a custo deixa vêr
O scio de rubra côr ,
É a imagem do pudôr ,
Tem em tudo o teu parecer !

A estrella , que em puro céo
Se mostra , sem que um só véo
Vapôroso a vá toldar ,
Semelha-te em formosura ,
Quasi como tu fulgura ;
Tanto não ! Que não tens par !

Candida pomba mimosa,
Que vem em manhã calmosa
Banhar-se na lympha pura,
É o emblema, que o Senhor
Deu ao seu esp'rito d'amor,
E da tua alma á doçura.

Quando a limpida corrente,
Aos raios do sol ardente,
Vai saltando a murmurar,
Como teu rosto de neve,
Contemplá-la quem se atreve
Sem deslumbrado ficar?

Tens da mãe o mago rizo,
Que nos leva ao paraizo;
Ninguem te vê sem te amar!
Meiga virgem carinhosa,
Não podes ser mais ditosa,
Nem ter mais que desejar.

Novembro 1849.



A ODALISKA.

- » **B**ENCERRADA neste harem ,
» Ah ! ninguem . . . jámais ninguem
» Me póde vir resgatar !
» Sem esp'rança , este viver
» É peor do que morrer ,
» É perpetuo agonisar !
- » Dizem-me d'aqui senhora ,
» E não sou possuidora
» Nem sequer d'uma affeição !
» De que me serve a grandeza ,
» Os dotes da natureza ,
» Neste logar d'opressão ?

- » Dôce clima em que nasci;
- » Nunca mais irei d'alli
- » Vêr uma aurora nascer;
- » Beber-lhe nas flôres o pranto;
- » Vêr o sol em rubro manto
- » Amortalhar-se, e morrer;

- » Respirar a atmosphera,
- » Quando maga primavera
- » A natureza acordar,
- » E seu bafo criador
- » Nova vida, e novo amor
- » Lhe vá no seio infiltrar!

- » Não me matou a saudade,
- » Que nutri na soledade,
- » Porque vivo e sou mortal!
- » Mata-me o vêr-me esquecida,
- » E consid'rada sem vida
- » Lá no meu paiz natal!

- » Inda tinha fé, que um anjo
- » Viria, como o archanjo,
- » Annunciar-me a ventura!
- » Enganei-me, era illusão!
- » Não me resta ao coração
- » Nem do morto a sepultura;

» Onde por noite sombria,
» No extremo da agonia,
» Me vá com ella abraçar,
» E em fêrvido transporte,
» Contra o mármore da morte
» O peito despedaçar... »

.....
.....

Assim contava a triste, a malfadada,
Longe da patria, que a viu nascer!...
Se tem de canto o nome esse gemido,
Que pedé a Deus morrer!

A voz era do céu, a fórma, o gesto;
Da terra, só a dôr que a opprimia,
Onde o homem nos rouba a liberdade,
E rasga a sympathia!

Pôr negra noite, em que a procella rugé,
Sem que um só astro lhe esclareça a ira;
Em tudo igual áquella em que Leandro
Entre escarceos expira;

Não se ouviu essa voz dolorosa...
Quem ouvi-la em tal noite podia?...
Quando os ventos no ar sibillavam;
E o mar furioso bramia?...

Quando o raio veloz se desprende
Ao rolar do medonho trovão?...
E a terra convulsa presente
Em seu bojo ferver um volcão?...

Já o meigo rouxinol
Saudava o clarão do sol,
Que no puro céu luzia,
Onde a procella passou,
E após de si deixou
Serenos e risonhos dias:

Esse dia, que fulgiu,
A desgraçada não viu!...
Na rocha despedaçada,
Inda bella, e já sem alma,
Tinba do martyrio a palma,
Quando fôï do mar levada!

Dezembro 1849.



AINDA A ROSA BRANCA:

A GLORIA! Eis a bandeira, trovadores,
Da rosa branca em debil mão alçada!
Defendei-a, esforçados cavalleiros;
A guerra é declarada!

Rosa branca, quem te vê,
Se não tem fé, logo crê,
Que no céu tiveste origem:
No jardim do criador,
Euxertou-te anjo d'amor
No seio de meiga virgem:

Infeliz! Deixaste o céo,
Para vir, aqui, sem véo
Mostrar o rosto divino:
Aqui, onde alma singela
Nobre, sensível, e bella
Tem sempre o peor destino.

Tu não deslumbras a vista;
Mas quem ha que te resista
Se tiver um coração?
De que has-de tu córar,
Se é tão puro o teu amar,
Como a dôce viração!

Quando a estrella prateada
Foge ao tocar d'alvorada;
Parece uma nívea rosa;
Mas não tem tua elegancia
Nem exhala essa fragancia,
Suave, dôce, e mimosa.

Quando em Belem nasceu
Quem d'amor por nós morreu;
D'alvas rosas coroados,
Còro d'anjos entoou:
« *Gloria a quem tudo creou,*
« *Paz aos homens resgatados.* »

Rosa, és mysteriosa ;
Tens uma expressão saudosa ,
Que infunde melancolia ;
Como quem 'stá meditando ,
E no passado buscando
Um sorrir de sympathy :

Como symb'lo da candura
Tens ritual d'amargura :
À flôr da laranja unida
Corôas victimas da sorte :
Vais ser , na lage da morte ,
À virgem corôa da vida .

Ha quem oose proclamar ,
E na arena sustentar ,
Ser mais bella a robra flôr !
Seria moira encantada ,
Nessa rosa disfarçada ,
Quem fascina o trovador ?

Trovador, és desgraçado ;
Se a rosa te ha deslumbrado
Só por vistosa , e córada !
É um abôrto essa belleza ,
Que inverteu a natureza
Na roseira a flôr dobrada !

Por essa rosa encarnada,
Chamaste degenerada
Á mais delicada flôr!
Trovador, foi impiedade,
Que esta flôr tem divindade! . . .
Guerra . . . guerra ao trovador!

Á gloria! Eis a bandeira, trovadores,
Da rosa branca em debil mão alçada!
Defendei-a, esforçados cavalleiros;
A guerra é declarada!

1.º de Dezembro.



VERSOS

No Album do Ill.^{mo} Sr.^e Evaristo Basto.

VAI, triste, e mimosa flôr,
Entre louros vegetar:
Sua protectora sombra
Dêcc abrigo te ha-de dar.

És modesta, és innocente,
Desabrocha sem temor;
Talvez figures um dia
Na c'roa do trovador.

Então, de pobre, e d'humilde
Os donaires despirás,
E com as gallas do orgulho
Alta fronte adornarás.

Disputando a palma aos louros,
Serás premio de victoria,
Coroando heroicos feitos,
Feitos dignos de memoria!



O MEU FUTURO.

QUANDO do nada acordei,
E este mundo encarei,
Vi n'um quadro encantador
Desenhado o meu futuro;
Risonho, doirado, e puro,
Todo gala, e todo amor.

De enganos não tinha idêa,
Nem da traição negra, e feia;
Nem sabia o que eram dôres:
Nem via espinhos á rosa;
Nem áspide venenosa,
Occulta entre seus verdôres.

Feliz, como a confiança ;
Palpitante como a esp'rança ,
Marchei na estrada da vida :
Mas quanto mais caminhava ,
Mais o puro ceo toldava
Deusa nuvem , denegrida

Rebenta emfim a procella ;
Assombrou-se a minha estrellã ;
Desde então não sei de mim :
Qual baixei desarvorado ,
Ao 'scarcéo abandonado ,
Estou a esperar o meu fim.

Eis meu futuro doirado ,
Que em férreo duro passado
O destino transformou !
Por cada recordação ,
Uma dôr, no coração ,
Na passagem me deixou !

Um dôce presentimento
Me diz, a cada momento ,
Que vai ter fim esta dôr !
Por ella , purificada
A minh'alma , resgatada
Voará ao Creador.

Então, adeus primavera;
Meiga e doce atmosphera;
Magas noites de luar!
Adeus, bella natureza:
Do somnio do gèlo prèsa,
Não te verei despertar!

Dezembro 20.



PARODIA D'UMA PARODIA.

SE eu fôra da aurora a estrella formosa,
Só para teus olhos quizera brilhar;
Bebêra em teus labios mil beijos de fogo,
Se eu fôra uma aura librada no ar;

Se eu fôra da fama a Deusa poderosa,
Aos evos teus cantos fizera chegar;
Se eu fôra um auspicio de mago porvir,
Amor, honra, e gloria te havia fadar:

Se eu fôra dos prados cordeiro innocente,
Submisso, teus pés iria buscar;
Se eu fôra uma pomba, que livre voára,
Quizera em teus braços cahir, expirar;

Se eu fôra de rosa botão sem espinhos,
Quizera em 'teu seio abrir, e murchar;
Se eu fôra de Sapho a lyra immortal,
Sómente aos teus versos a vîras sagrar;

Mas eu não sou 'strella, nem fama, nem flôr,
Nem lyra, nem aura librada no ar!
Sou triste mulher, que, a um vate raivoso,
A furia em que arde, pertende calmar!



AOS ANOS D'UM AMIGO INTIMO.

TENTEI, meu bom F + + + ,
Teus faustos annos cantar :
Chamei o Parnazo em pêso ,
Para me vir inspirar .

Tomei mais de mil pitadãs ;
Puz os olhos no zenith ,
E por vinte e quatro horas
Todo o appetite perdi .

Quebrei a pobre cachola ,
Se é que ainda estava inteira !
Senti ferver os miolos
Dentro da rija caveira .

Só quem já visse o Vesúvio,
Em desatada explosão,
Fará idéa remota
Desta minha exaltação.

Que bellissimas idéas
Choviam do Helicão,
Das nove castas donzellas,
E do mano bréjeirão!

A lyra soltava sons
D'altisonante alegria:
Até Jupiter bradou
Tres vezes: alleluia!...

Tres vezes alleluia
Urrou o pégo profundo!...
Alleluias retumbam
Pelos dous pólos do mundo!...

Vulcano á forja cingido,
Todo alagado em suor,
Fundia o Paulo-Cordeiro,
Para fazer um maior!

Que estouros qu' eu figurava! . . .
Que estouros! . . . Ave-Maria! . . .
Ficava a perder de vista
De Milton a artilheria!

Nisto, a aurora apavonada
No oriente appareceu:
Sáfiras, brilhantes, per'las,
Esparge do manto seu.

Toda em pompa, a natureza
Destas joias se adornava,
E aos olhos dos mortaes off'rece
Quadro tal, que deslumbra!

Crystallino e manso, o Douro
Soberbo corria ao mar,
Por que banha a feliz margem,
Que teu natal viu raiar.

Só amor, esse tyranno,
Que move perpétua guerra,
Não consentiu que, em tal dia,
Em paz descançasse a terra.

Então, irado o destino
De vêr amor pertinaz,
As séttas lhe transformou
Em seringas no carcaz! . . .

Assim voava atrevida
A minha imaginação,
Até que em terra cahindo,
Vi que tudo era ficção! . . .

Aqui, neste valle de dôr,
Só me resta um coração,
Que te vota a mais constante
Amizade, e gratidão.

Possa-te encher o destino
Das riquezas d'Amalthéa,
E ser na cidade invicta
Um chefe da patuléa!

Fevereiro 1847.



The first part of the document
 contains a list of names and
 addresses. The names are
 written in a cursive hand
 and are arranged in a
 column. The addresses are
 written in a similar hand
 and are arranged in a
 column. The names and
 addresses are separated by
 horizontal lines. The
 document is written on
 aged paper and shows
 signs of wear and discoloration.

INDICE.

	<i>Pag.</i>
A SENSITIVA	3
A Violeta	6
A Rosa	8
O Jasmim	10
A Jarra de flores	12
O Jardim de S. Lazaro	14
O 1.º de Maio	16
A Primavera	18
A aura do Estio	21
O Equinocio do Outono.	24
O Inverno	26
O Magnolio	28
Adeus a um chorão	31
A Acacia	33
A Infancia	35
Adeus á mocidade	38
O suspiro	40
A Lyra	42
A nova estrella	44
Desengano	48
A Lapa dos finados	49
O beijo da meia noite	52
O ecco	54
A morte do vate	57
A morte d'ella	59
No prado do repouso	62

INDICE.

	<i>Pag.</i>
A morte do soldado	65
A morte d'um menino	68
A rosa da campã	71
A minha cruz	73
Um sonho	75
A' memoria do General Visconde de Beire .	77
Estava triste	80
Amor	84
O regato	85
Chorar e morrer	87
Melancolia	90
A visãõ	93
O meu astro	95
O estro	98
A rosa desfolhada	101
A imaginaçãõ	103
E' tarde	106
O despertar	108
A' snr. ^a Gresti	110
Em dia de reis	112
A' pagina d'um album	114
Na partida do cadaver de S. M. Carlos Alberto	116
A saudade	119
Versos á Exc. ^{ma} Snr. ^a D. M. F. C. Brandãõ	121
A Odaliska	123
Ainda a Rosa branca	127
No album do Ill. ^{mo} Snr. Evaristo Basto . .	131
O meu futuro	133
Parodia d'uma parodia	136
Aos annos d'um amigo intimo:	138

N. B. — Em alguns exemplares escaparam as duas seguintes erratas:

Pag. 32 . . . Com *teus* cantos, devendo ser = *seus*.
 Pag. 45 . . . *no* triste aspecto, devendo ser = *ao*.



5-50



